

# DA AMIZADE COMO EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

## FRIENDSHIP AS A MEANS OF EXERCISING VIRTUE

LUIZIR DE OLIVEIRA\*

**Resumo:** A amizade é um tema recorrente no pensamento estoíco antigo. Tanto Cícero quanto Sêneca explicitam seus mecanismos e apontam seus perigos. Dedicar-se aos amigos é muito mais do que um mero contato social: trata-se de uma questão ética das mais importantes, uma vez que abre o diálogo sobre os diversos modos como os homens são capazes de agir e reagir quando não estão sozinhos. Neste sentido, este artigo propõe uma leitura da amizade como exercício da virtude a partir das *Cartas a Lucílio*, de Sêneca..

**Palavras-chave:** amizade, estoicismo romano, Sêneca, virtudes cívicas.

**Abstract:** Friendship is a recurring topic in Ancient Stoic thought. Cicero as well as Seneca set out its mechanisms and emphasised its hazards. Dedicating oneself to one's friends goes far beyond mere social contact: it encompasses one of the most important ethical questions, since it brings about the different ways through which men are able to act and react when not alone. In this sense, taking Seneca's *Letter to Lucilius* as a starting point, this paper aims to offer a reading of friendship as a means for exercising virtue.

**Keywords:** Friendship, Roman Stoicism, Seneca, Civic Virtues.

“Um amigo é uma pessoa com quem posso ser sincero.  
Diante dele posso pensar em voz alta.” (R. W. Emerson)

Uma bela e poética definição da amizade pode ser encontrada nos *Ensaíos* do filósofo norte-americano R. W. Emerson. Em pouco mais de vinte páginas delineiam-se em grandes linhas aquilo que ele classifica como um achado dos mais importantes: todos padecemos de um “infinito distanciamento”<sup>1</sup> que só encontra algum alívio no momento em que estamos diante de alguém tão próximo de nós, que é como se olhássemos para um espelho que nos devolve aquilo que de mais íntimo guardamos em nós mesmos. O amigo é um contraponto essencial, muito além de uma simples companhia física, de uma presença pontual. Junto dele é possível experimentar momentos da

---

\* Luizir de Oliveira é professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: luizir@yahoo.com

<sup>1</sup> Cf. EMERSON, R. W. *Essays*. First and second series complete in one volume. Introduction by Irwin Edman. New York: Harper & Row publishers, 1997, p. 140.

mais elevada alegria ou da mais recolhida solidão. Lembra-nos o filósofo que “um amigo é um homem sã, que exercita não a minha engenhosidade, mas a mim”<sup>2</sup>.

Nesse “exercício” reside a grandiosidade da amizade. Composta por dois elementos indissociáveis, a verdade e a ternura, nenhum dos quais possui superioridade sobre o outro, torna-se um fértil campo no qual se pode colocar em prática as virtudes da alma. A amizade é o espaço no qual se presentificam os resultados de uma vida voltada para a virtude. Emerson parece ter aprendido muito bem as lições tomadas junto aos estóicos. Seu ensaio reverbera temas anteriormente discutidos em profundidade por um de seus mestres mais caros: L. A. Sêneca.

Se o débito de Emerson para com Sêneca é evidente, pelo menos para aqueles que já tiveram a oportunidade de fazer uma leitura atenta de ambos os pensadores, as conclusões que extrai de seu diálogo com o filósofo romano ultrapassam a mera repetição. Compreender o real sentido da amizade é tarefa que exige um grande esforço intelectual. Estamos todos tão acostumados aos contatos cotidianos pouco significativos, às relações profissionais e/ou pessoais pouco profundas que, no mais das vezes, acabamos deixando de lado o questionamento sobre o valor que tais presenças têm em nossas vidas. Impacientes, somos levados constantemente a estabelecer relacionamentos que se tornam “alianças insanas e imprudentes”<sup>3</sup>, sem que nada, nem ninguém possa delas cuidar. Assim, convém refletir um pouco mais detidamente sobre essas “relações”, a fim de se compreender seu significado último. Como Emerson, voltemos a Sêneca.

Embora seja possível encontrar referências ao verdadeiro e profundo caráter da amizade em quase todas as obras do filósofo romano, é em seu testamento final, as *Cartas a Lucílio*, que sua ocupação com o caráter “pedagógico” da amizade torna-se mais madura, extensa e profunda. Das primeiras e diretas alusões encontradas já na *Carta 3*, a primeira na qual o tema se faz presente, às considerações mais profundas da *Carta 9*, na qual Sêneca procura demonstrar a importância do amigo até mesmo para o sábio, até alcançar a 109, uma espécie de “coroamento” das discussões apresentadas nas anteriores, e que ressalta, uma vez mais, as características fundamentais de uma relação de amizade verdadeira, algo permanece indelével: a preocupação senequiana em apontar a amizade como um espaço privilegiado no qual tanto o *sapiens* quanto o *proficiens* têm a oportunidade de depositar

<sup>2</sup> Ibid., p. 146.

<sup>3</sup> Ibid., p. 154.

em confiança, nos ouvidos e no coração de um semelhante, aquilo que de mais valioso alcançaram no caminho aberto pela filosofia: a virtude.

A base da amizade está no grau de confiança que se deposita no outro. Se alguém foi considerado digno de ser incluído no nosso rol de amigos, então é preciso recebê-lo “de coração aberto” e colocar-se tão à vontade junto dele, de modo que se possa conversar como se estivesse falando consigo mesmo<sup>4</sup>. Nenhuma razão, nenhum motivo seria suficiente para nos impedir de ser integralmente honestos perante alguém tão próximo, tão íntimo quanto um amigo verdadeiro. Junto dele, o sábio tem a oportunidade de colocar em atividade a virtude; o neófito, uma chance de exercitar o que aprendeu. Como ressalta Sêneca na *Carta* 9, 8: “O sábio, embora se baste a si mesmo, deseja ter um amigo, a fim de poder praticar a amizade [*ut exerceat amicitiam*] para que tão grande virtude não fique inoperante [*ne tam magna uirtus iaceat*]”.

Em verdade, a amizade é, em si mesma, uma virtude independente do seu portador, ou daquele na qual ela seja depositada em confiança. Embora o sábio seja um ser contente consigo mesmo, uma vez que pode prescindir dos amigos, está sempre pronto a estabelecer relações de amizade; nunca deseja abrir mão desses encontros<sup>5</sup>, uma vez que compreendeu que aquilo que depende do homem é a possibilidade de tornar-se amigo de alguém ou de ter um amigo. Isto constitui sua sabedoria mais profunda. Deste modo, e por todo o percurso que terá de percorrer no caminho da compreensão das verdades fundamentais contidas nas lições que Sêneca oferece a Lucílio<sup>6</sup>, bem como a todos os leitores familiares com as doutrinas do Pórtico, é demonstrada a essência da amizade: trata-se da descoberta da interioridade rumo aos valores absolutos, aquelas atitudes da alma “que não têm

<sup>4</sup> SÊNeca. *Carta* 3, 2: *cum placuerit fieri, toto illum pectore admitte; tam audaciter cum illo loquere quam tecum*. Os ecos desta carta são marcantes no ensaio de Emerson.

<sup>5</sup> SÊNeca. *Carta* 9, 5: *Ita sapiens se contentus est non ut uelit esse sine amico, sed ut possuit*.

<sup>6</sup> Poderíamos ainda incluir Sereno e Novato dentre aqueles junto a quem Sêneca extensivamente desempenhou o papel de educador. Não apenas as cartas, mas também o *De Tranquillitate Animi*, o *De Constantia* e, mais especificamente, o *De Beneficiis* já haviam adiantado algumas das teses que Sêneca retoma para desenvolver nas *Cartas*. Como bem relembra I. Hadot, a condução da alma por meio da amizade é uma tônica na obra de Sêneca. Quase todos os escritos do pensador romano são direcionados a um amigo ou a alguém com quem Sêneca tem relações de parentesco, no intuito de oferecer-lhes uma admoestação (*Ermahnung*) ou uma lição (*Belehrung*) com relação aos estados de alma necessários para que se possa alcançar a *uita beata*. Cf. HADOT, I. *Seneca und die griechisch-römisch Tradition der Seelenleitung*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1969, p. 165-67.

necessidade da matéria para se realizarem”<sup>7</sup> posto pertencerem à essência mesma da alma virtuosa. Neste sentido, ela se impõe como uma forma de vida que, no limite, impede mesmo o mais sábio dos homens de dedicar-se tão-somente à *uita contemplatiua*.

### 1. DA AMIZADE COMO VIRTUDE CÍVICA

Embora discutir o valor da amizade pareça ser algo tão óbvio que pouca atenção mereceria da parte do filósofo, veremos que Sêneca, seguindo os passos de Cícero que lhe antecederam no tratamento do tema, esforça-se por colocá-la dentre os bens mais dignos de atenção por parte dos homens, aqueles que fazem parte dos *kathêkonta*, das ações corretas que são primazia do sábio. Ao reforçar que, mesmo bastando a si mesmo, o sábio ainda assim preferirá o exercício da sua vida virtuosa junto a outro(s) homem(ns), apresenta-nos uma das características marcantes da filosofia da Era Imperial romana<sup>8</sup> de conceber a condição humana calcada profundamente numa das teses centrais do Antigo Estoicismo<sup>9</sup>: não dissociar o homem de todo o conjunto humano que o cerca, a fim de demonstrar que a nenhum homem, nem mesmo ao *sapiens*, é desejável a solidão por si mesma<sup>10</sup>. O espírito hu-

<sup>7</sup> GRIMAL, P. *Sênèque ou la conscience de l'empire*. Paris: Fayard, 1991, p. 20. Lembremos aqui as palavras de Estobeu: “A amizade como sentimento interior, graças ao qual o homem se torna amigo de seu próximo, [os estóicos] colocam-na entre os bens psíquicos [*tôn perî psychên apophainousin agathôn*]” (*Stoicorum Veterum Fragmenta*, III, 98) Para os fragmentos dos estóicos antigos utilizamos STOICI ANTICHI. *Tutti i frammenti raccolti da Hans von Arnim*. Introduzione, traduzione, note e apparati a cura di Roberto Radice. Presentazione di Giovanni Reale. Testo greco e latino a fronte. Milano: Rusconi, 1999. Também LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. *The Hellenistic philosophers*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1995, 2 v.

<sup>8</sup> Este caráter “pragmático” da filosofia de Sêneca posteriormente reverberará ainda nos escritos de Epiteto e Marco Aurélio. Cf. GRIMAL, *op. cit.*, p. 11.

<sup>9</sup> Cf. SVF, III, 631 (DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VII, 124).

<sup>10</sup> Sexto Empírico ressalta “a virtude, enquanto por sua constituição é semelhante ao hegemônico, e a ação virtuosa, enquanto é um ato conforme à virtude, não possuem outra utilidade” (*Adv. Math.* XI, 22 [SVFIII, 75]). O homem virtuoso e o amigo, uma vez que este também entra no número dos bens, possuem um valor que vai além da utilidade; reduzir a amizade a ela significaria distorcer a sua essência. Trata-se de uma explicação importante. Para os estóicos, como reforça Sexto Empírico, a parte não é a mesma coisa que o todo, contudo não pode ser pensada fora dele, uma vez que o compõe indissociavelmente: um homem não se reduz à sua mão ou à sua cabeça, embora não possa ser pensado sem ambas. Do mesmo modo, uma mão ou uma cabeça só fazem sentido se pensadas no conjunto do corpo humano. O mesmo se dá com a virtude: porque ela é parte do homem bom e do amigo, e as partes “nem se identificam com o todo nem são heterogêneas em relação a ele, se sustenta que o homem bom e o amigo não são heterogêneos (...)” (Ibid.), o que reforça a importância das relações intersubjetivas que Sêneca enfatiza como marcas que a amizade traz em si mesma.

mano necessita do outro, da troca, da reciprocidade, do exercício constante, diário e permanente da amizade como único modo de se fazer desabrochar virtuosamente. Os homens necessitam de outras companhias “carnais”, para que lhes seja reforçada sua natureza dual corpo-alma. E é no âmbito da vida social, da participação na vida política ativa que os homens encontram – ou, pelo menos, podem encontrar – a harmonia profunda que caracteriza a sua relação com o cosmos em sua face mais “material”. Para Sêneca, o conhecimento só leva à sabedoria por meio de uma prática constante, ela mesma desenvolvida no espaço da *res publica*. A amizade surge como uma espécie de apanágio máximo dessa atividade:

“Ser útil consiste em estimular o espírito segundo a natureza por ação da própria virtude. E isto não pode ocorrer sem algum proveito quer para o espírito do estimulado quer para o daquele que lhe serve de estímulo porquanto necessariamente quem põe em ação a virtude dos outros põe em ação também a sua própria”<sup>11</sup>.

As críticas à pouca atenção que aparentemente havia sido dada pelos fundadores do Pórtico à vida pública são rebatidas por Sêneca de modo sistemático ao longo da *Carta* 109<sup>12</sup>. Não somente os resultados, mas as condições mesmas sob as quais a virtude tem a oportunidade de se efetivar estão na amizade. E Sêneca vai ainda mais longe: não apenas em uma relação marcada por um ideal especulativo, mas por meio de uma “amizade ativa”, que se reforça no caráter de utilidade “pública” de que se reveste. “O sábio será útil graças à prática em comum do bem moral e à união que se estabelece entre os espíritos e os pensamentos”<sup>13</sup>.

Não é excessivo ressaltar que Sêneca não está propondo que a amizade tenha um caráter gratuitamente pragmático<sup>14</sup>. Contudo, é de acordo com sua própria natureza que ela se faça presente entre os homens para os quais é

<sup>11</sup> *Carta* 109, 13. As relações entre filosofia e política também são exploradas extensivamente por GRIFFIN, M. *Seneca, a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1992, cap. 10.

<sup>12</sup> Mas não só. A discussão também é enfatizada em *De Ira*, e até mesmo em um escrito de ocasião, como o *De Clementia*.

<sup>13</sup> SÊNECA. *Carta* 109, 15.

<sup>14</sup> Cícero também havia demonstrado preocupação de ser mal compreendido neste sentido, pois enfatiza: “Para eles [os estóicos], a amizade se efetiva porque pertence àquele gênero de coisas que são úteis. Enquanto uns sustentam que na amizade o sábio tem tanto a si mesmo quanto ao amigo, outros, que o sábio tem mais a si mesmo do que aos amigos; todavia, mesmo estes últimos [pensadores] consideram que apropriar-se de algo de alguém é contrário àquela justiça pela qual evidentemente nascemos. De qualquer modo, de modo nenhum compartilham a idéia (...) que se possa fazer amizade ou uma ação justa por interesse, porque mesmo isto teria o efeito de enfraquecê-la ou desnaturá-la”. Tanto a justiça quanto a amizade de fato só

prazeroso acolher os amigos bem como alegrar-se com os progressos que estes alcançam, do mesmo modo como se alegram com seus próprios progressos<sup>15</sup>. No testemunho recíproco desenvolvem-se as virtudes necessárias a uma vida em conformidade com a natureza, como preconiza a ética estoica. Neste sentido, lembra-nos Sêneca, quando se tem um amigo com quem se aconselhar, pode-se mais facilmente aplicar o espírito e resolver os problemas que se colocam no caminho<sup>16</sup>. Isto é notório no ambiente em que vive o filósofo romano. Na Roma imperial e, anteriormente, de modo idêntico, na republicana, as ligações pessoais estão intimamente relacionadas à vida política. Os interesses compartilhados vão desde os mais triviais até as questões mais amplas, como as convicções filosóficas comuns – caso de Sêneca e Lucílio – chegando mesmo a alcançar as esferas de poder mais elevadas, bem como os problemas sociais mais abrangentes. Isto freqüentemente colocava amigos e inimigos frente a frente, não raro em rota de colisão<sup>17</sup>, tanto no que concerne ao cortejo do poder quanto à sua apropriação, com conseqüências muitas vezes fatais<sup>18</sup>. Deste modo, reforçar o caráter benfazejo da amizade era mais do que uma ocupação filosófica; tratava-se de uma tentativa de garantir a própria sobrevivência<sup>19</sup>.

A participação na vida pública parece oferecer o terreno sólido sobre o qual a sabedoria se erige, um processo contínuo que não oferece um estado de equilíbrio constante e imutável o qual, uma vez atingido, permanece inal-

---

podem existir se forem procuradas de modo desinteressado, por si mesmas. (Cf. CÍCERO. *De Finibus*, III, 70.

<sup>15</sup> Cf. DIÓGENES LAÉRCIO, op. cit., VII, 124: “De acordo com os estoicos a amizade existe somente entre os homens bons, porque estes se assemelham entre si. Definem a amizade como uma certa comunidade de tudo que interessa à vida, enquanto tratamos os amigos como nos trataríamos a nós mesmos. Afirmando que o amigo é digno de ser escolhido por seus próprios méritos, e que é um bem ter muitos amigos. Não pode subsistir a amizade entre pessoas más, e nenhum homem mau tem um amigo sequer”.

<sup>16</sup> SÊNeca. Carta 109, 15: *Facilius intendet explicabitque qui aliquem sibi adsumpserit*.

<sup>17</sup> Crisipo havia antecipado estas questões, em alguma medida, quando aponta que há graus diferentes de amizade ou, pelo menos, modos diferentes de se gostar dos amigos, pois cada um merece um tipo distinto de confiança: “de algumas pessoas somos mais íntimos que de outras, porque de alguns somos ainda mais amigos que de outros”. Esta explicação parece ter irritado, e muito, Plutarco. Se a amizade é um bem supremo, um valor absoluto, como poderia admitir esse tipo de gradações? (cf. PLUTARCO. *De Stoicorum Repugnantis*, XIII, 1039b [SVF, III, 724]).

<sup>18</sup> Ambos, Sêneca e Lucílio, encontrarão o fim de seus dias ao serem envolvidos na Conjura de Pisão, em 65 d.C. Cf. também GRIFFIN, op. cit.

<sup>19</sup> Sobre as relações de clientelismo na Roma imperial, cf. GRIFFIN, op. cit., especialmente o capítulo 3.

terável. Requer, igualmente, uma vida interior que se ocupe em diariamente medir seu progresso<sup>20</sup>, donde a importância do exame de consciência tão caro ao filósofo romano. Trata-se de uma negação ao direito de se afastar do convívio público a fim de se dedicar ao ócio contemplativo *per se*. Para Sêneca, o exercício cotidiano de nossas virtudes no âmbito das nossas vivências sociais é um dever cívico, a única garantia de se construir uma sociedade virtuosa, uma verdadeira Cosmópolis. É a presentificação do ideal do *homologouménos tei physei zein* tão caro ao Pórtico: há uma ligação indissociável entre todos os seres da natureza permeada por um inescrutável *nexus causarum* que une todas as partes do cosmos, e que mostra a *conciliatio* de todos os homens como um resultado prático da *conciliatio sui* que marca a vida moral individual, como bem desenvolve Sêneca na *Carta* 121. Isto significa que a relação indivíduo-coletivo<sup>21</sup> não pode ser desprezada sob o risco de se perder o verdadeiro valor do filosofar. E numa de suas muitas referências a Epicuro, relembra-nos Sêneca: “reflita cuidadosamente de antemão com quem você bebe e come, e não o que você bebe e come”<sup>22</sup>.

A preocupação de Sêneca em ressaltar exaustivamente a importância da escolha das pessoas com as quais se pode, ou se deve, estabelecer relacionamentos duradouros e proveitosos, está voltada aos resultados perenes que tais relações tendem a oferecer. Em muitas outras passagens de sua obra, como no *De beneficiis* por exemplo, esta mesma tese retornará um tanto reformulada, mas visando aos mesmos objetivos: os benefícios que se podem conseguir de outrem contam muito menos do que a própria pessoa de quem se os recebe, numa clara menção ao caráter desinteressado que deve pautar todas as relações de amizade. Ao cultivar o próprio espírito, por meio do filosofar constante, criam-se as condições necessárias para que se possa cativar e manter as amizades, recebendo delas uma influência benéfica que se espalha por ambas as partes<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> Cf. também SÊNeca. *De Otio*, 3, 2.

<sup>21</sup> Como enfatiza Maurach, essa relação baseada nas formas de amizade não compromete o princípio de *autárquia* do sujeito agente com o qual Sêneca extensivamente se ocupa em seu papel de “condutor de almas”. Cf. MAURACH, G. *Seneca Leben und Werken*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996, p. 159.

<sup>22</sup> *Cum quibus edas et bibas, quam quid edas et bibas* (*Carta* 19, 11). O caráter admoestatório desta mensagem não passaria despercebido à nascente seita cristã. As palavras de Sêneca ecoam quase que literalmente no *Evangelho de Mateus* 15, 11, “não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro”. Cumpre vigiar não apenas o que se faz, mas com/para quem se faz, e como.

<sup>23</sup> *Carta* 35.

Eis que a *concordatio sui* retoma seu lugar a fim de construir uma teia de relacionamentos cada vez mais ampliada, e socialmente significativa, desde que – talvez pudéssemos mesmo afirmar “apenas quando” – todas as partes envolvidas têm algo a ganhar. Contudo, como vimos enfatizando, não se trata de meros ganhos materiais, tampouco honrarias e glórias com que se cobrem os mais fortes e poderosos no intuito de lhes angariar a simpatia. O único benefício que conta em tais relações é a própria relação; ela dá a exata medida do quanto se avançou, ou não, no caminho das virtudes. Reforça Sêneca a Lucílio “quando te incito insistentemente aos estudos, é em meu próprio interesse que ajo; quero ter-te como amigo, e não me será possível consegui-lo se tu não prosseguires no cultivo de ti mesmo como tens feito”<sup>24</sup>.

É interessante notarmos que o aspecto afetivo nas amizades, e que anteriormente aparecera de modo bastante subjacente à discussão, toma corpo na *Carta* 35. Contudo, há que se cuidar do modo como se nutre o afeto por alguém, uma vez que o amor pode, por vezes, ser nocivo a ambas as partes<sup>25</sup>. Talvez isto causasse estranheza aos seus leitores, e por esta razão o texto da carta é cuidadosamente pontuado por um tom de “brincadeira”, uma leve ironia que se atenua no momento quando somos lembrados que poder acompanhar o progresso moral de um amigo, mesmo que a distância, causa uma alegria que nos toma o coração e que é pagamento suficiente, especialmente quando nos sentimos responsáveis ou participantes ativos no processo. Contudo, não se pode desconsiderar que essa alegria também tem um caráter evanescente, posto que a presença física do amigo é insubstituível. É ela, essa presença, que nos dará a dimensão do quanto esse progresso efetivamente se deu, ou se dá, uma vez que o encontro/reencontro oferece uma oportunidade única, sobretudo “se não vemos quem queremos, mas ainda como queremos”<sup>26</sup>. Os esforços empenhados são recompensados; e a *constantia* adquire um valor inamovível.

Estes incitamentos de Sêneca em prol do auto-aprimoramento do amigo – e naturalmente de si mesmo – demonstram o quanto da filosofia do antigo Estoicismo estava presente em suas obras. Porque, diferentemente das máximas de Epicuro, disponíveis e de fácil acesso, as quais se tomavam como

<sup>24</sup> Ibid., 1.

<sup>25</sup> Maquiavel parece também ter lido e meditado muito nas lições aprendidas junto a Sêneca. Cf. *O Príncipe*, cap. XVII, no qual Maquiavel discorre sobre a “volubilidade” dos afetos humanos, reverberando as teses senequianas.

<sup>26</sup> *Carta* 35, 3: *utique si non tantum quem velis, sed qualem velis, videas*. Os grifos são nossos.

referências imediatas para o bem agir, a filosofia do Pórtico exige outra abordagem. Requer que aquele que dela se aproxima tenha em mente que seus frutos são doces, mas difíceis de serem alcançados. Trata-se de um sistema que não se dá a conhecer, tampouco a compreender, de um modo único, direto e imediato. É preciso aproximar-se dele com cautela, aprendendo de cor suas máximas sem descuidar que elas apenas revelam a ponta de um *iceberg* profundo. Entre os estóicos antigos não se encontram florilégios, adornos, enfeites para a conversação social desinteressada, muito pelo contrário. Não há uma formulação única de suas doutrinas, um ponto de apoio seguro ao qual se pode sempre recorrer em caso de dúvida ou incerteza. É preciso perceber que a cada vez que nos aproximamos deles se nos oferece uma nova maneira de apreender aspectos de seu sistema anteriormente negligenciados, uma nova chance de aprimorar aquilo que já pensávamos sabido. Enfatiza Sêneca: “abandona a esperança de poderes degustar em excertos o gênio desses homens grandiosos. Estuda, e volta a estudar, as obras inteiras [*tota tibi inscienda sunt, tota tractanda*]”<sup>27</sup>. O aperfeiçoamento moral é caminho árduo, como nos relembra Sêneca a todo momento.

## 2. DOS TIPOS DE AMIZADE

As considerações de Sêneca parecem-nos apontar para uma proposta singular de se compreender a amizade e que pode ser dividida em três momentos interdependentes que muito se assemelham aos encontros amorosos<sup>28</sup>. É como se houvesse três tipos de amizade: uma baseada na virtude, um amor<sup>29</sup> racional que, por sua própria racionalidade, torna-se sólido. Um segundo tipo, cujo amor vem como resposta a um benefício recebido, mas que, por se associar a um bem exterior, constitui um valor intermediário. Este é o móvel das relações sociais que discutíamos anteriormente. É por meio dele que se criam a sociabilidade, a reciprocidade de relacionamentos e as condições favoráveis de vida, uma vez que a amizade que deriva de um ato de benevolência costuma induzir à solidariedade. E por fim, um terceiro

<sup>27</sup> *Carta 33, 5.*

<sup>28</sup> O amor está na base do conceito de amizade desde as primeiras teses do Pórtico, como nos recorda CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromateis*, II (*SVF*, III, 723).

<sup>29</sup> Como enfatiza DIÓGENES LAÉRCIO, *op. cit.*, VII, 129: “O amor é um esforço no sentido de estabelecer a amizade, provocado pela beleza exterior; não se trata de relações sexuais, e sim de amizade. Os estóicos apresentam o exemplo de Trasonides, que, embora tivesse a amante à sua disposição, se abstinha dela porque ela o detestava. Com efeito, os estóicos pensam que o amor depende da amizade, como diz Crisipo em sua obra *Do amor*; e não é enviado pelos deuses. E a beleza é definida por eles como a flor da excelência”.

tipo, o qual, embora menos importante que os anteriores, não passa despercebido posto existir em profusão nas relações cotidianas, e que está nas formas de amor fundadas nos costumes, nas relações de parentesco ou nas afinidades intra-grupais. Talvez ainda pudéssemos oferecer uma derivação ulterior, uma forma ainda mais rasa de relacionamento possível, baseada no prazer imediato, físico mesmo, e que, por este caráter, torna-se volúvel e efêmera, mas que não se poderia, tampouco se deveria, classificar como amizade posto estar sempre associada a um encontro afetivo-sexual sem maiores conseqüências.

Tomando-se estas definições como ponto de apoio, percebemos em Sêneca uma tentativa de explicitá-las por meio de uma hierarquia de sentimentos com relação à amizade, e que nos podem levar a refletir sobre os modos como nós, homens da contemporaneidade, tratamos nossas próprias relações de amizade, ou afetivas, de um modo mais amplo. A *Carta 33* parece-nos propiciar esta leitura: o primeiro momento da atração é físico: a “aproximação”. Há como que uma necessidade de se estar próximo do amigo, tê-lo perto, senti-lo, tocá-lo, compartilhar das coisas vistas e vividas de modo imediato. Lembraria muito a sedução com que se intentam os encontros sexuais, sem, contudo, chegar-se a eles – ou, pelo menos, não os tendo como fim último da relação! Nisto Sêneca parece ter em mente a explicação socrática contida no *Banquete*: somos atraídos primeiramente pela beleza física do outro, aquela que está mais ao nosso alcance e que nos faz aproximar ou afastar de alguém<sup>30</sup>.

Contudo, só a atração física não basta para assegurar uma relação de amizade duradoura. É preciso o próximo passo, a “identificação”. Há que se ter coisas em comum, interesses convergentes em alguma medida, idéias partilhadas, desejos semelhantes, objetivos próximos. Eles são os motivos que nos fortalecem e que nos permitem suportar a ausência do amigo por longos períodos uma vez que nos dão uma dimensão das exigências que a vida nos apresenta cotidianamente e dos modos como respondemos a elas. O amigo com quem nos identificamos, com quem podemos “pensar em voz alta” é aquele cuja identificação conosco é tamanha que não raro parecemos receber a resposta antes mesmo de formular a pergunta. Essa identificação está na base da formação de uma comunidade indissociável que levará às formas superiores da compaixão e da solidariedade. Ouçamos Sêneca:

<sup>30</sup> Cf. ANDRÔNICO. *Peri pathon*, 4: “(...) o amor é o desejo de uma união carnal, ou é o desejo de uma amizade, ou ainda aquilo que se chama tendência a fazer amizade quando o belo aparece (...)” (*SVF*, III, 397).

“Os meus interesses coincidem com os teus; de outra forma não seria teu amigo, se não considerasse como meu tudo o que a ti diz respeito. (...) Não é possível alguém viver feliz se apenas se preocupar consigo mesmo, se reduzir tudo às suas próprias conveniências: tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo”<sup>31</sup>.

O corolário desta proposta é encontrado na seqüência da *Carta* 48 e confirmado nas *Cartas* 55 e 56: a identificação gera a “admiração”, o último estágio do processo. Alcança-se um grau de proximidade tamanho com o amigo que ele acaba por ocupar um espaço privilegiado em nós mesmos, e que nos permite suportar-lhe as ausências temporárias posto que “é dentro da alma que temos os amigos, e a alma nunca se separa de nós; dentro da alma está sempre presente quem ela queira e quando o queira”<sup>32</sup>. Na alma é onde Sêneca aconselha-nos a levar todos os amigos, mesmo aqueles que estão tão distantes no tempo e no espaço, inatingíveis geográfica ou humanamente, posto fisicamente mortos, uma vez que, com eles também se pode alcançar a identificação e a admiração necessárias para mantê-los juntos de nós. Dentre eles contam-se todos os sábios que nos antecederam, com os quais aprendemos gradativamente a cuidar de nós mesmos e espalharmos esse cuidado para todos aqueles que nos cercam. Não importa o lugar tampouco o tempo em que viveram, nosso espírito sempre vai para junto deles<sup>33</sup>.

As lições que podemos extrair de uma leitura da correspondência entre Sêneca e Lucílio são inesgotáveis. Mas cremos que suas reflexões sobre o verdadeiro caráter da amizade merecem uma observação cuidadosa. Muito mais do que um mero aproveitar a companhia de um espírito semelhante, trata-se de uma oportunidade única de se exercitar o espírito por ação da virtude adquirida no caminho trilhado rumo à sabedoria. E isto não é possível de se fazer sozinho. Ser útil ao próximo significa ser útil a si mesmo. O proveito que se tira da relação de amizade distribui-se tanto para o espírito estimulado quanto para o que estimula, ou que lhe serve de estímulo. A comunhão dos espíritos afins não apenas permite como potencializa o bem moral<sup>34</sup>. E ela pressupõe algo que Sêneca já advertira na *Carta* 80, 4: para que se possa avançar no caminho do bem uma única coisa é necessária: o querer<sup>35</sup>. E quando este se fortalece por meio de um diligente e constante exercício das virtudes, nada mais pode contra aquele. Aí reside toda a fortaleza

<sup>31</sup> SÊNECA. *Carta* 48, 2. Trata-se da *conciliatio* em seu aspecto mais amplo e abrangente.

<sup>32</sup> SÊNECA. *Carta* 55, 11.

<sup>33</sup> Cf. SÊNECA. *Carta* 62.

<sup>34</sup> Cf. SÊNECA. *Carta* 109, 12-13.

<sup>35</sup> *Quid tibi opus est, ut sis bonus? Velle.*

da alma humana. No Bem encontra-se a verdadeira e duradoura felicidade. E não há felicidade que seja possível se não for compartilhada. E mais, mesmo que compartilhada, nunca saberemos por quanto tempo. Cumpre que gozemos intensamente a companhia dos nossos amigos pelo tempo que nos for dado estar junto deles, e dessa convivência advêm todos os benefícios a que podemos almejar. Sem ela, nenhum deles nos será bastante. Eis outra lição que Sêneca tem a nos oferecer.

[recebido em abril 2008; aceito em outubro 2008]

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EMERSON, R.W. *Essays*. First and second series complete in one volume. Introduction by Irwin Edman. New York: Harper & Row Publishers, 1997.
- GRIFFIN, M. *Seneca, a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- GRIMAL, P. *Sénèque ou la conscience de l'empire*. Paris: Fayard, 1991.
- HADOT, I. *Seneca und die griechisch-römisch Tradition der Seelenleitung*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1969.
- LONG, A. A., SEDLEY, D. N. *The hellenistic philosophers*. 2 v. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1995.
- MAURACH, G. *Seneca Leben und Werken*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996.
- SÊNECA, L. A. *Ad Lucilium epistulae morales*. 3 v. With English translation by Richard Gummere. Cambridge (UK): Harvard University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1991.
- STOICI ANTICHI. *Tutti i frammenti raccolti da Hans von Arnim*. Introduzione, traduzione, note e apparati a cura di Roberto Radice. Presentazione di Giovanni Reale. Testo greco e latino a fronte. Milano: Rusconi, 1999.